

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

3-1-1976

1976 Vol. 03: Compromissos – Prioridades

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1976). 1976 Vol. 03: Compromissos – Prioridades. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/5>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Congregação do Espírito Santo

Clivo di Cinna, 195

00136 - ROMA

Equipa Generalícia, MARÇO, 1976

I/D - INFORMAÇÃO-DOCUMENTAÇÃO

COMPROMISSOS - PRIORIDADES

2 - Evoluções

Caros confrades,

Continuamos a nossa reflexão sobre "Compromissos-Prioridades", começada no último número com "Os Sinais". Propomo-nos agora evocar um certo número de evoluções no mundo e na Igreja, que tiveram e continuam a ter um impacto sobre a Missão.

Sobretudo durante os últimos vinte anos, vivemos num processo de mudança, que teve como resultado, não sobre "o fim da Missão", mas os caminhos de hoje sobre a Missão e missionários, que vimos já delinear-se nos sinais. Sublinhamos estas mudanças no sentido de podermos melhor discernir "em que lugar nos encontramos", em que direcção caminhamos ou nos podemos orientar.

Alguém de nós dizia muito recentemente: "Depreciámos a capacidade evangélica de conversão do missionário". A mesma fé em Cristo e na sua Missão, que animava outrora os missionários a difundir o Evangelho segundo o contexto cultural e religioso da época, anima-os ainda hoje a testemunhar o Evangelho no contexto cultural e religioso do nosso tempo, à custa de conversões exigidas.

A Equipa Generalícia :

Evoluções no mundo

Certos factos apresentam toda a sua importância se tomamos em consideração que as "missões" de outrora se encontravam quase exclusivamente no Terceiro Mundo; a expansão missionária situava-se no tempo da descoberta e da conquista de novas terras; este movimento partia, antes de mais, da Europa, o continente dos antigos países colonizadores.

O Terceiro Mundo desperta; as antigas colónias chegam à independência. Estas novas nações são agitadas por profundas aspirações e, salvas as proporções, os outros países desta parte do mundo: aspiração à libertação efectiva a todos os níveis: político, económico, social e cultural; procura da promoção humana e do desenvolvimento, vontade de tomar nas suas próprias mãos o seu destino.

A Europa perde a sua hegemonia política e reduz-se cada vez

mais aos seus limites. Os países em vias de desenvolvimento denunciam relações de exploração da parte dos países ricos.

Outros factos merecem a nossa atenção. Citemos em primeiro lugar o nascimento e o desenvolvimento do mundo moderno pela ciência e a técnica, que estimulam a Igreja ao "aggiornamento". Não temos ainda: o mundo, feito uma "grande aldeia" mediante os mass media; o fenómeno da migração; a tendência à socialização; a explosão demográfica, o número importante dos jovens e o fenómeno da urbanização nos países do Terceiro Mundo.

1. - Para toda a questão de evoluções no mundo, A Igreja e a Missão, recomendamos o livro do P. Paul Schouver: "L'Eglise et la Mission", na Colecção "Croire et Comprendre", Edição du Centurion, Paris, 1975, 147 p., 20 FF (preço de venda).

O P. Schouver, Espiritano, era professor em Chevilly até a 1975; trabalha agora na República Centro Africana. O livro descreve bem as evoluções importantes.

2. - Recomendamos também a Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi" de Paulo VI, Dezembro 1975. O Sínodo de 1974, não tendo podido ajustar um texto sobre a Evangelização, tinha colocado no Papa o cuidado de o redigir. Documento interessante para todos nós.

EVOLUÇÕES na IGREJA, em MISSÃO

1. - Passagem de "missões" à MISSÃO

Outrora, falava-se "das missões" pensando em territórios confiados a Institutos missionários; estas "missões" situavam-se quase exclusivamente no Terceiro Mundo.

A Igreja inteirava-se do mundo moderno que se desenvolveu fora dela: existem meios e realidades colectivas não evangelizadas, em particular nos países ditos "de cristiandade"; situações missionárias encontram por toda a parte no mundo. Neste contexto, a Igreja redescobre melhor o que lhe é essencial, o que constitui a sua razão de ser: a Missão no mundo, no mundo inteiro. A Missão estende-se aos cinco continentes: "tem por objectivo reunir todos os homens, e em todas as suas realidades colectivas".

Os Institutos missionários reorientam-se: inscrevem o seu trabalho missionário na Missão da Igreja; o seu horizonte alarga-se aos "cinco continentes"; passam de "missões" à Missão. Falar ainda de "missões" no sentido de outrora reflecte um passado que acabou, tanto mais que as "missões" de outrora se tornaram "Igrejas locais".

A passagem de "missões" à Missão oferece aos Institutos missionários novas possibilidades, coloca-os diante de escolhas, estimula-os à mobilidade. Há também o risco da dispersão, de apelidar "missionário" todo e qualquer apostolado; coloca-se ainda o problema da identidade missionária de cada Congregação.

2. - Passagem de "Institutos missionários" a toda a Igreja é missionária.

Outrora a missão, enquanto anúncio do Evangelho nos países longínquos não ainda evangelizados e expansão da Igreja com novos adeptos, era sobretudo a especialidade dos Institutos missionários.

Faça a tarefa de evangelização sempre mais vasta e graças ao aprofundamento da teologia da Igreja, Povo de Deus, a Igreja vê-se completamente missionária: "A Igreja na sua totalidade é missionária; a obra de evangelização é um dever fundamental do povo de Deus" (Ad Gentes, n. 35).

Os Institutos missionários reajustam as suas posições: consideram-se como missionários no quadro da Igreja completa missionária.

A passagem de "missionário" a toda a Igreja coloca os Institutos missionários à procura do seu papel nesta nova situação. Abrem-se pistas ou apresentam-se mais claramente:

- - sensibilizar comunidades e Igrejas locais relativamente às suas dimensões missionárias;
- - suscitar missionários nas Igrejas locais;
- - estar atentos às situações que escapam à Igreja-Instituição;
- - saber que haverá sempre tarefas difíceis que exigem homens e mulheres livres e móveis (religiosos, religiosas).

3. - Passagem de "missões" a Igrejas locais

Outrora existiam "missões" confiadas à responsabilidade dos Institutos.

Estas "missões" desenvolveram-se, em boa parte graças ao trabalho dos missionários; tornaram-se Igrejas locais ou particulares.

O Sínodo de 1974, também chamado o "Sínodo dos bispos do Terceiro Mundo", revelou toda a amplitude da existência das Igrejas particulares, que fazem ouvir as suas exigências. Citemos uma voz entre outras, que sublinha o facto essencial:

"As missões tornaram-se Igrejas locais... Tornaram-se maiores. Isto marca uma mudança na história da Igreja em África. É o fim do período missionário. Isto não significa contudo que seja o fim da evangelização. Mas significa, como o afirmava o Papa Paulo VI, na ocasião da visita a Uganda: 'Vós, Africanos, sois os vossos próprios missionários'. Por outras palavras; o que resta ainda a fazer, no que diz respeito a evangelização, é para o futuro, antes de mais da responsabilidade da Igreja Africana" (Relatório Sabgu, p. II, 2 e 3).

Sublinhemos a mudança importante que será esclarecida e matizada no que se segue: a Igreja é responsável da Evangelização,

4. - Passagem de uma "Igreja una e monolítica" a uma "Igreja una e multiforme".

Esta "passagem" é como uma bela página da história de uma fa

mítia, que nos diz muito respeito. Outrora, a Igreja identifica-
va-se com o Ocidente; formulava a sua fé e organizava a sua vida
segundo a cultura deste continente. No tempo das conquistas e das
descobertas de terras novas, partia, ela, na conquista espiritual;
ramificava-se no Terceiro Mundo, gerando Igrejas-filhas que se as-
semelhavam de maneira estranha à Igreja-Mãe. Era normal, nesta é-
poca, reproduzir o mesmo modelo.

As Igrejas-filhas desenvolveram-se. O tempo das independên-
cias chegou. Livres, as jovens nações e os outros países do Ter-
ceiro Mundo lutam por uma libertação efectiva em todos os planos,
no sentido de tomar o seu próprio destino; promoção humana, desen-
volvimento, "autenticidade", etc. tornam-se palavras chave.

As Igrejas-filhas, por sua vez, reivindicam a sua maiorida-
de. Assinalam (denunciando) a relação Igreja-Mãe e Igreja-filha;
querem ser responsáveis delas próprias, manifestar a face cultural
dos seus povos, participar nas aspirações profundas do seu conti-
nente. Na Europa, e noutras partes, a Igreja dá-se conta que já
não está adaptada aos tempos novos.

No espaço dos últimos quinze anos, mais ou menos, a Igreja
"una e monolítica" evolui rumo a uma Igreja "una e multiforme".
A Missão segue a evolução:

- - agora fala-se antes, neste contexto da Missão, "de I-
grejas-irmãs" ou particulares, responsável cada uma da
evangelização e corresponsável com as outras Igrejas;
- - a Missão chama-se: diálogo, troca, ajuda mútua;
- - ao mesmo tempo, abrimo-nos à ideia de enriquecimento
mútuo entre Igrejas;
- - preocupamo-nos com a relação entre Igreja particular
e Igreja universal;
- - dá-se uma grande importância à encarnação e à indigeni-
zação da Igreja particular na e pela cultura do país,
e à participação das aspirações profundas do povo.

Tendo conta destas evoluções, os Institutos missionários
precisam as suas orientações:

- para o futuro, o missionário é ao mesmo tempo um "envi-
ado" e um "chamado", o que parece incluir "ser enviado
e chamado" para tarefas precisas; a especialização em
vista de funções determinadas pode ter cada vez mais im-
portância;
- presença e actividade missionárias são compreendidas co-
mo troca e ajuda mútua entre Igrejas. Preocupa-se em de-
senvolver uma troca verdadeira, isto é, nos dois senti-
dos. O missionário pode aí desempenhar um papel impor-
tante;
- no problema da relação entre Igreja particular e Igre-
ja universal, o missionário é chamado a ser "testemunho
do universal";
- insiste-se muito na "encarnação", a indigenização, dan-
do uma atenção particular à cultura e às aspirações dos
povos.

Toda esta evolução na Igreja convida os Institutos missio-
nários a um "mistério de comunhão". Parece pedir também que um

Instituto seja ao mesmo tempo portador das duas características: unidade e pluriformidade.

5. - Missionário na Igreja local, responsável da evangelização.

É um facto estabelecido hoje: a Igreja local é responsável da evangelização; deste facto, o trabalho missionário exerce-se sob a responsabilidade desta Igreja e inscreve-se no seu Projecto Pastoral. Assim é indispensável que o missionário esteja atento a esta Igreja e às suas prioridades.

Esta nova situação parecia privar o missionário das suas responsabilidades. Recordamo-nos de reflexões como estas: "Então, já não tenho nada a dizer? Já não posso ter iniciativas? De qual Igreja sou, portanto, membro?" Uma solução foi dada a estas questões: o missionário estrangeiro é reconhecido como pleno membro da Igreja que o acolhe; se é sacerdote, faz-se parte do presbitério.

Levanta-se ainda uma outra questão, mais fundamental: "Neste novo contexto, que quer dizer: ser missionário, ser religioso"? Provocação benéfica, e talvez providencial, que estimulava e estimula ainda os Institutos missionários a rever e a aprofundar a sua vocação.

6. - Compromissos-Prioridades dos Institutos missionários e das Igrejas locais.

O trabalho na corresponsabilidade coloca aos Institutos o problema: quais compromissos, quais prioridades, tendo em conta ao mesmo tempo das opções da Igreja local e dos objectivos dos Institutos? Sacrificar um ao outro não é de proveito para ninguém.

No sentido de trabalhar num verdadeiro clima de comunhão fraterna, preconiza-se cada vez mais o diálogo e a compreensão, procura-se precisar duma parte e de outra, as prioridades e os objectivos apostólicos.

Com isto no espírito, os Institutos colocam-se cada vez mais na intenção de uma especial atenção às Igrejas. As situações variam, as prioridades também. Limitemo-nos ao Terceiro Mundo onde trabalha uma grande parte dos nossos missionários.

Eis as prioridades que parecem sobressair:

- insistência sobre a aculturação religiosa (incarnação, indigenização);
- formação de comunidades cristãs, comunidades de configuração humana ou comunidades pequenas;
- formação de vocações sacerdotais e religiosas, de um laicado comprometido e responsável;
- especial atenção aos jovens, que, quase por toda a parte, nos países do Terceiro Mundo, formam a metade da população;
- outras preocupações importantes: catequese no contexto da tendência à socialização e da nacionalização das escolas, bem como um esforço por atingir a elite que parece escapar à Igreja, sempre o desenvolvimento, etc.

Tendo conta destas prioridades, das evoluções da Missão, os Institutos precisam os caminhos ou objectivos missionários, que variam igualmente segundo os carismas e as situações. Tentemos, apesar de tudo, apontar os caminhos que nos interessam mais particu-

larmente:

- Procura-se cada vez mais que o trabalho missionário contribua ao desenvolvimento das Igrejas locais para que cheguem a bastar-se a si próprias, incluindo a auto-suficiência financeira. Testemunhando muita disponibilidade e tendo em conta as pessoas, pensa-se cada vez mais que o trabalho de manutenção e de funcionamento das comunidades estabelecidas não é tarefa dos missionários, a não ser como uma ajuda passageira, a título de suplência;
- Pela razão que toda a Igreja particular é e deve ser missionária, insiste-se mais na tarefa de tornar missionárias as Igrejas locais (Cf. mais a cima, 2). Um ponto a sublinhar: o cuidado de suscitar missionários nas Igrejas locais. Já não nos colocamos numa perspectiva de "recrutamento para uma Congregação, mas na de missionários que podem aproveitar a ocasião de pertencer a uma Congrega-ção para viver a vocação missionária das Igrejas, segun-do os contextos culturais diversificados. Aos Religiosos, pede-se cada vez mais para comunicar "o espírito religioso";
- No quadro da Missão que consiste em permuta entre Igrejas, os missionários são convidados cada vez mais a ultrapassar as fronteiras e as barreiras dos seus próprios Insti-tutos e a encontrar os caminhos de ajuda e permuta, de comunhão entre Igrejas;
- A primeira evangelização recupera a sua importância: mas agora dámo-nos conta que a evangelização se estende até ao diálogo e à promoção humana;
- Os Institutos insistem sempre mais no diálogo entre religiões não cristãs, em particular com o Islamismo. A afir-mação da liberdade de consciência e o reconhecimento dos valores das outras religiões modifica a aproximação das religiões não cristãs ou tradicionais.

Estas algumas pistas, se ainda mais exploradas, podem renovar os Institutos missionários.

7. - De uma presença à outra

Hoje, os Institutos missionários desejam uma presença que res-ponda melhor às evoluções. Citemos algumas destas características:

- presença ligeira: o compromisso maciço, herança do passa-do, é um peso por vezes e o será talvez cada vez mais; donde a tendência actual a desfazer os blocos, na medida do possível;
- presença diversificada: presença com diversas Congrega-ções, cada uma em pequeno número, numa mesma diocese ou no mesmo país, segundo as necessidades; donde a tendência actual a diversificar os compromissos;
- presença móvel: enquanto devemos ser fieis aos compromi-

sos realizados e sabendo que é necessário tempo para a adaptação cultural, pensamos entretanto que a sedentarização se apoderou em demasia dos missionários e que ficaram presos ao seu próprio trabalho e às suas realizações.

- presença internacional: este aspecto é o mais significativo do que deve ser o missionário: um "homem sem fronteiras", um "encontro entre povos e raças";
- presença-testemunho: o testemunho de vida "é o primeiro meio de evangelização" (Evangelii Nuntiandi). Insiste-se muito sobre o testemunho em comunidade.

Para a próxima vez, trataremos dos reflexos das evoluções sobre os nossos compromissos e as nossas prioridades, e como, a partir dos nossos sinais de esperança, poderemos progredir.

